

LITERATURA ANGOLANA E O MERCADO EDITORIAL BRASILEIRO:

A coleção de autores africanos, da editora Ática.

ANGOLAN LITERATURE AND THE BRAZILIAN EDITORIAL MARKET:

The collection of african authors, from attica publishing house

LA LITERATURA ANGOLEÑA Y EL MERCADO EDITORIAL BRASILEÑO:

La colección de autores africanos, de editora Ática

Mbiavanga Adão Garcia

Mestrando em Estudos da Linguagem e Graduado em Letras – Língua Portuguesa, Universidade da
Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

pcabinda26@e-mail.com

Recebido em: 04/03/2022

Aceito para publicação: 27/05/2022

Resumo

Considerando o processo entrelaçado ao desenvolvimento constante das culturas literárias produzidas no território angolano e consumido no território brasileiro, o presente trabalho tem como objetivo geral de analisar o mercado editorial brasileiro sob o ponto de vista da inserção da literatura Africana de origem Angolana. Para isso, focamos nas produções de autores angolanos inseridas na Coleção dos Autores Africanos (CAA) da editora Ática. Apresentando o conceito de campo literário elaborado por Bourdieu (1992) como a construção de identidade dos indivíduos, permitindo compreender a engrenagem que envolve a produção, a circulação e o consumo de determinado material artístico, podemos pensar a inserção de autores angolanos no mercado editorial brasileiro tido como um campo literário. E por fim, caracterizamos as obras dos autores angolanos contidas na coleção.

Palavras-chave: Literatura Angolana. Coleção de Autores Africanos (Editora Ática). Mercado Editorial Brasileiro.

Abstract

Considering the process intertwined with the constant development of literary cultures produced in Angolan territory and consumed in Brazilian territory, the present work has as its general objective to analyze the Brazilian publishing market from the point of view of the insertion of Angon literature. To this end, we focused on the productions of Angolan authors inserted in the Collection of African Authors (CAA) of Ática. Presenting the concept of literary field elaborated by Bourdieu (1992) as the construction of the identity of individuals, allowing us to understand the gear that involves the production, circulation and consumption of certain artistic material, we can think of the insertion of Angolan authors in the Brazilian publishing market considered as a literary field. Finally, we characterize the works of the Angolan authors contained in the collection.

Keyword: Angolan literature. Collection of African Authors (Ática Publishing House). Publishing market.

Resumen

Considerando el proceso entrelazado con el constante desarrollo de las culturas literarias producidas en Angola y consumidas en territorio brasileño, el presente trabajo tiene como objetivo general analizar el mercado editorial brasileño desde el punto de vista de la inserción de la literatura africana de origen angolano. Para eso, nos enfocamos en las producciones de autores angoleños incluidas en la Colección de Autores Africanos (CAA) de la editorial Ática. Presentando el concepto de campo literario d'Angola nlado por Bourdieu (1992) como construcción de la identidad de los individuos, permitiéndonos comprender el engranaje que envuelve la producción, circulación y consumo de determinado material artístico, podemos pensar en la inserción de los autores angoleños en el El mercado editorial brasileño considerado como un campo literario. Finalmente, caracterizamos las obras de autores angoleños contenidas en la colección.

Palabras clave: Literatura angolana. Colección de Autores Africanos (Editora Ática). Mercado Editorial Brasileño.

Introdução

A literatura angolana vem sendo veiculada no mercado brasileiro desde a década de 1970. Portanto, esse trabalho tem como objetivo geral analisar o mercado editorial brasileiro do ponto de vista da inserção da literatura Africana de origem Angolana. Com os seguintes objetivos específicos elencados: identificar o mercado editorial brasileiro a partir da década de 1980; discutir sobre a inserção da literatura de origem Angolana no Brasil.

No final dos anos de 1940, notou-se uma existência ativa dos alunos africanos que começaram a comparecer as entidades de ensino superior em Portugal. Muitos desses estudantes tinham o costume de se reunirem para debater as direções políticas, sociais, literárias, e demais assuntos de seus específicos países. A princípio, os debates eram mínimos, diante de discussões que potencializavam um estudo mais peculiar da existência real onde eram originadas.

Nesse contexto, surge a criação da CEI (Casa dos Estudantes do Império), em Lisboa em meados dos anos de 1940, pelo governo Salazar. De acordo com Inocência Mata (2015, p.7), podendo ser relatado como um legado das outras Casas de Estudantes do “Ultramar”, como exemplo as de Angola, Moçambique, Cabo Verde, Macau e Timor, onde se dissiparam com a Casa da África.

Através desse trâmite, surgiram produções literárias importantes, vistas como anticoloniais e marcadas pela resistência ao preservarem em suas entrelinhas, laços culturais dos países de origem dos autores (MATA, 2015). Dessa forma, surge a Coleção Autores Ultramarinos, com a condensação de volumes de cadernos de poemas produzidos durante a vigência da CEI (1944-1965). Com o apoio da União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA) e da CEI, a coleção foi publicada em 2015. Dentre os escritos, destaca-se a obra *A Cidade e a Infância* (1957-1960), de José Luandino Vieira, com contos relacionados aos impasses entre a realidade da vida nos musseques em contraste com a cidade colonial.¹

Também participou da coleção, Agostinho Neto, com a obra *Poemas* (1961), que recria, as suas vivências, falando da imposição cultural, o trabalho forçado e a violência que se instalou durante a permanência de Portugal em África como descreve em sua obra *Alguns de seus poemas* abordam a opressão colonialista, a exemplo de “O Choro de África”.

Esse conjunto de publicações foi importante e tido como patrimônio cultural produzido pelas antigas gerações, ocasionando a criação de formas para publicá-lo. Então, esse fato contribuiu com a necessidade de delinear uma trajetória que caminhasse ao entendimento da África. A partir desse panorama, surgiu o interesse sobre a temática e contexto de publicações angolanas, tendo como porta de entrada o mercado editorial brasileiro.

Para isso, dividimos esse trabalho em quatro momentos. No primeiro momento, será abordado o conceito de campo literário delineado por Bourdieu, bem como o entendimento de capital social, cultural e econômico. Além disso, será estabelecido um paralelo desses conceitos com a Coleção dos Autores Africanos da Ática. No segundo momento, discutiremos sobre o início da inserção dos autores angolanos no mercado editorial brasileiro. Já no terceiro momento, será feita a apresentação da coleção, destacando algumas obras e autores angolanos. Por fim, o último momento é destinado a apresentação das obras dos autores angolanos inseridas na Coleção dos Autores Africanos da Ática.

O campo literário e a Coleção dos Autores Africanos da Ática

É notável a particularidade da literatura angolana no quesito da expansão e globalização cultural. Seu crescimento ampliou a visão dos autores para um novo mercado no qual o português é a língua que une as nações.

Consoante a isso, o Brasil foi uma das portas de entrada para autores africanos e, em especial, angolanos que pretendiam expandir seus trabalhos e criar um vínculo com novo mercado que até então era desconhecido e raro na época.

Portanto, o trânsito dessas literaturas no território brasileiro, na forma de iniciativas de publicação e da circulação nas academias, se deu mais expressivamente a partir da década de 1970, momento em que se intensificavam as relações internacionais entre o Brasil e os países africanos, bem como ganhavam voz e força, no Brasil, os movimentos sociais vinculados às minorias, como o MNU (Movimento Negro Unificado), por associarem-se às pesquisas acerca das culturas afro-brasileiras e africanas em algumas universidades brasileiras. (SOUZA, 2011). Em 1979, foi convidado pela Editora Ática o professor Fernando A. A. Mourão, para fazer parte da direção de uma coletânea que levou o título de Coleção dos Autores Africanos, que foi colocado sob sua direção, por ser um dos professores de destaque na época e pelo vasto caminho traçado na cooperação com a África ao qual o professor se dedicou durante toda sua formação não só como Vice-diretor da CEA, mas também como pesquisador. Sendo assim, dá-se o início de um dos projetos de maior interesse na história editorial brasileira, o qual iremos abordar no nosso trabalho, desde a composição da coleção até a contribuição da mesma para o firmamento dos laços entre o continente africano e o Brasil. A coleção conta com 27 volumes (1979-1991) (CRUZ, 2015). No entanto, daremos enfoque para as produções angolanas da coleção em questão.

A seleção diversificada de escritores angolanos (CRUZ, 2018), na coleção, reforça uma das finalidades da editora sobre diferentes autores e diferentes obras com uma causa em comum. Ao traçar um mapa das literaturas africanas em função da expansão no Brasil, foram selecionados autores com obras que vislumbram a diversidade de identidades de África em virtude das transformações ocorridas no continente durante o período da colonização e o imediato pós-independência, por isso, foi selecionado a produção das informações

extratextuais, de acordo com o público alvo da época como afirma o diretor da coleção e os respectivos elementos que faziam parte de sua equipa. Sendo assim, a apresentação de cada autor, bibliografias, o vocabulário usado, rodapé, as orelhas das páginas, eram elementos que foram pensados para servir de apoio aos leitores e na formação de novos críticos sobre a recente área de estudo.

Além do mais, a Ática já estava presente no mercado editorial brasileiro com esta característica, isto é, tanto os livros didáticos quanto os paradidáticos, sobretudo as séries literárias, eram confeccionados dentro de um padrão escolar, beneficiando o trabalho do professor e do aluno, resultando, desta maneira, na perpetuação dos materiais. (CRUZ, 2018, p. 3).

Podemos notar que a editora Ática tem um longo caminho, no que concerne à publicação de material, quer seja didático ou paradidático, tempo suficiente para inovar suas estratégias editoriais em função ao mercado da época. Sendo assim, aproveitou da melhor forma possível ao publicar uma coleção que até então, não era conhecida no território brasileiro, embora já houvesse autores africanos que publicavam no Brasil desde os anos 1950, como exemplo da revista Sul, em Santa Catarina, conforme veremos mais adiante.

Segundo Cruz (2018), a literatura africana foi inserida lentamente no Brasil por meio de iniciativas isoladas por parte do mercado editorial brasileiro. Para tanto, somente a partir das transformações sociais e políticas que a África passou, ou seja, as lutas anticolonialistas, se estreitaram as relações entre Brasil e África, incentivando a inclusão de autores africanos na literatura.

Bourdieu, por meio do conceito de campo literário, contribui para o entendimento da construção de identidade dos indivíduos, permitindo compreender a engrenagem que envolve a produção, a circulação e o consumo de determinado material artístico, ou seja, a literatura angolana no Brasil. Nesse sentido, o estudioso afirma que “para poder entender uma produção cultural (literatura, ciência etc...) não basta referir-se ao conteúdo textual dessa produção tampouco referir-se ao contexto social contentando-se em estabelecer uma relação direta entre o texto e o contexto” (BOURDIEU. 1992 p.432).

Os conceitos de capital humano, cultural e social foram elaborados a partir da concepção de capital de Marx não buscando substituí-lo, mas complementá-los para elucidar questões que se relacionam às dinâmicas da sociedade e da economia. Se esclarece que o conceito de capital social não pode ser isolado de outros conceitos de capital, mas articulado e contextualizado com eles.

Bourdieu (1992), direcionou suas pesquisas objetivando compreender o sucesso e o fracasso dos indivíduos, perscrutando porque alguns ocupam na sociedade uma posição que outro não sonhou ocupar. Para o autor, a resposta a tal questionamento estaria nos capitais (cultural, humano, econômico e social) acumulados pelo indivíduo por herança ou esforço pessoal. Esses tipos de capitais estão inseridos dentro de um campo, traçando a teoria de Bourdieu, como um espaço sistematizado que visa a produção, circulação e consumo das produções literárias.

A partir disso, percebeu-se que a literatura que emergiu antes da independência em África, foi sendo influenciada pela cultura brasileira no decorrer da década de 50. Dessa forma, podemos relacionar esse fato com o conceito de campo literário, visto como um elemento que engloba

vários aspectos de organização, como acontece também em outros campos, mas em particular, obedece às leis sociais dentro dele estabelecidas. Sendo assim, a literatura angolana depois da independência, surgiu dos protestos sociais e falas de encorajamento entre os patriotas, o que gerou a difusão com a cultura brasileira, já que havia muitas características em comum. Assim, foi percebido o envolvimento dos autores angolanos com a literatura brasileira.

Com isso, o campo literário angolano começou seus primeiros passos para expansão da literatura e em suas relações sociais. Diante deste panorama, a partir dos anos de 1950, circularam algumas produções africanas no Brasil (CRUZ, 2018), sobretudo de países participantes do que hoje conhecemos como CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa) como Angola, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Moçambique.

Em tese, Bourdieu apresentou a ideia do “capital” na perspectiva econômica, o qual apresenta os diferentes fatores de produção tais como indústrias, terra, trabalho etc. Diante da visão do autor sobre “capital cultural”, traremos a ideia de capital cultural “restrito”, que em um ponto de vista amplo, podemos notar a predominância do mesmo nas relações e nas divulgações de obras dos escritores angolanos no Brasil. O que é capital cultural rescrito em uma abordagem mais simples? É o conhecimento limitado sobre as literaturas na época, dessa maneira, os autores eram instigados a escreverem de acordo com os padrões literários da Europa como se não existisse outra forma de produção literária, limitando a capacidade de vários pensadores. Como o conceito da literatura, podemos notar o impedimento do pensamento de escritores angolanos ao se expressar através da escrita, restringindo novas formas literárias existente no mundo a fora. Tendo em vista esse fato;

Podemos dizer que o processo de formação da literatura angolana foi longo e surgiu em contraposição à literatura de influência europeia que se verificou em períodos anteriores. A literatura angolana surgiu num período marcado, sobretudo, por contestações políticas; pelo despertar da consciência dos africanos e pela luta pela independência das colônias africanas. Todos esses fatores de certa forma contribuíram para aprimorar as características da literatura angolana, apesar da influência brasileira. Essa influência brasileira foi mais notória num determinado período da literatura angolana, quando os angolanos necessitavam de descobrir as suas origens e ir à busca dos valores culturais africanos, com vista à negação da influência literária portuguesa. Nessa época, o Brasil aparece como um país “irmão”, cuja influência cultural sobre muitos angolanos já se fazia sentir desde épocas anteriores. (CUNHA. 2011, p 9)

Diante deste caso, em uma análise cuidadosa, podemos afirmar que essas situações de opressão intelectual que aparece através do colonialismo, passam a ser revisto através da inclusão da literatura brasileira na esfera literária angolana.

O movimento de intelectuais angolanos da década de 1950 e 1960 foi essencialmente um movimento de poetas virados para o seu povo. Neste movimento, destacam-se indivíduos como António Jacinto, Viriato da Cruz, Agostinho Neto, Luandino Vieira, Mário António, entre outros, que abriram novos rumos para a literatura angolana. (TAVARES.1999)

Podemos notar os autores supracitados na composição da lista dos escritores que tiveram suas obras publicadas na coleção dos autores africanos da editora Ática, trazendo consigo a familiaridade da literatura brasileira nos escritos dos intelectuais angolanos.

Com a leitura de obras brasileiras, especificamente obras sobre o regionalismo nordestino surgiu, então, a forma particular nas escritas de José Luandino Vieira, que ganhou seu espaço devido às características presentes em sua escrita que traz a cultura e a tradição em fala reinventada da linguagem popular angolana.

Sendo assim, o mercado editorial passa a ser visto como um campo de privilégios dos autores que, por um lado possuíam a possibilidade nas publicações de seus trabalhos, tendo em suas mãos o capital intelectual. Já por outro lado, houve os autores “desprovidos de capital intelectual”, que não atendiam as exigências do mercado editorial. Esse fato, fez com que os autores encontrassem outras formas de manter seus trabalhos em circulação, mesmo que seus escritos não estivessem em um ambiente editorial de grande reconhecimento. Apesar disso, é possível observar que, as exigências dessas opções alternativas, favoreceram de certa forma os escritores, pela falta de informação de suas obras. A exemplo de várias revistas de pequeno porte, podemos citar a *Revista Sul*, de Santa Catarina, idealizada por Salim Miguel:

Da África começamos por Moçambique e, anos seguintes, fomos publicando a Sul colaboradores de Angola, Cabo Verde, Guiné Portuguesa, hoje Guiné-Bissau. No último número da revista, 30, aparece um conto de um tal de José Graça, que se tornaria pouco depois internacionalmente conhecido como Luandino Vieira. (MIGUEL, 2005, p. 8).

Observamos Miguel (2005), as iniciativas de edição da revista, que pouco a pouco foi envolvendo os autores dos diferentes países de África.

A gênese da edição de livros de autores angolanos no Brasil

As criações de textos podem consagrar alguns autores, sendo entendida como a transferência de capital simbólico. Essa transferência pode beneficiar editores, os quais tem acesso a recursos escassos (econômico, simbólico, técnico) e o poder que esses conferem, conforme destaca Bourdieu (1992). Portanto, a atividade editorial pressupõe um saber especializado, que se relaciona as práticas culturais de funcionamento interno.

Dentre esses saberes especializados, se faz necessário cuidar do ciclo editorial pelo qual um livro passa, ou seja, escolher o texto que irá ser editado, a quantidade de tiragem, o preço da capa, associado à decisão de reimprimi-lo ou retirá-lo de circulação. Portanto, as decisões editoriais que se relacionam ao ciclo editorial de um livro estão intimamente relacionadas à cadeia editorial, envolvendo a rede de organizações e atividades relacionadas à publicação, distribuição e venda do livro (THOMPSON, 2005, p. 256). 2

Dispor formas de conhecimento no campo editorial faz parte do crescimento de um campo de discussões específico, atentando para a inserção de novas ideias, textos, autores e contexto social. Para tanto, a posição que estas editoras ocupam no campo, a definição de suas trajetórias e os recursos que possuem demandam o posicionamento de estratégias mais ou menos exitosas.

No cerne dessa questão, se alerta que o campo editorial é diferenciado e dividido por diversos subcampos específicos, cujas editoras se encaixam em um desses nichos, fazendo uso de catálogos muito parecidos. Como necessidade de competir, as editoras brasileiras geram

algum grau de diferenciação e especialização, consolidando a posição de empresas particulares, que adquirem reputação em determinada área específica de publicações literárias, acadêmicas e de produção de livros didáticos.

Tais obras possuem conteúdo específico e destinado a um mercado delimitado, embora uma mesma empresa possa atuar em diferentes campos concomitantemente, estratégia adotada pelos grandes grupos editoriais, com vistas a diminuir os riscos de investimento e fazer novos experimentos mercadológicos, utilizando os selos para poder se identificar com o público leitor.

Como iniciativa de escrita angolana no campo literário brasileiro, podemos destacar Fernando Monteiro de Castro Soromenho com seu romance *Terra Morta*, publicada pela primeira vez no Brasil em 1949, no Rio de Janeiro, que narra a denúncia da crueldade do colonialismo português sobre a sociedade angolana (SANTOS, 2008, p.13).

Houve também dois importantes autores ligados ao MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) e que não puderam publicar suas obras em Angola, pois tinham abordagens contra o regime colonialista. São eles: Costa Andrade, com o seu livro de poemas intitulado *Tempo Angolano em Itália*, editado em 1963, em São Paulo, que fala de um estrangeiro exilado no território italiano e Manuel dos Santos Lima, com sua obra *As Sementes da Liberdade*, editado no Rio de Janeiro, no ano de 1965, romance que aborda sobre o choque de culturas, onde brancos e negros são apresentados como vítimas do sistema colonial (CUNHA, 2020).

Apresentação da Coleção

No começo dos anos 50, as literaturas africanas em particular a literatura angolana já se faziam presente no território brasileiro em menor número, quer seja por participações ou por contribuições de revistas específicas em algumas partes do Brasil. Das revistas que predominavam assuntos sobre a literatura angolana, podemos ver o caso do Grupo Sul (DANIEL, 2012), que fazia literatura independente na época e que já possuía autores de peso em Angola, a mesma revista Sul, que era publicada em Santa Catarina recebia contribuição principalmente dos autores angolanos no caso do Luandino Vieira, António Jacinto, Viriato da Cruz entre outros autores angolanos que predominavam na época. Logo, podemos notar esse contato entre as literaturas que circulavam restritamente no Brasil, fazendo com que o contato com o Brasil sempre houvesse, só que nunca no plano do mercado, porque o plano do mercado só entra em jogo nos anos 80.

Sendo assim, dá-se a abertura de um dos projetos de maior interesse na história editorial brasileira, com *A vida verdadeira de Domingos Xavier*, do autor angolano Luandino Vieira. Isso é, a Coleção Autores Africanos, que contou com 27 volumes e que terminou no começo dos anos 90.

O acervo de escritores africanos da Editora Ática foi inaugurado no Brasil no ano de 1979, com a gestão coordenada pelo professor e pesquisador Fernando Augusto Albuquerque Mourão, que a partir da época que foi estudar em Portugal na década de 1950, estava associado com conteúdo referente à África.

A solicitação para fazer parte da gestão desta cadeia literária foi ideia do próprio dono e presidente da editora à época, o professor Anderson Fernando Dias, em razão de que o professor Mourão tinha divulgado anteriormente o seu mestrado na coletânea intitulada

Ensaio da Ática – *A sociedade angolana por meio da literatura* (1978). É válido salientar que Mourão foi doutor em Sociologia e docente titular na Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Uma das recomendações do projeto literário nominado Autores Africanos, era facilitar a reintegração da identidade africana por meio da literatura simbolizada por seus respectivos escritores a sociedade brasileira, proporcionando, dessa forma, uma associação legítima com as narrativas e a poesia do continente africano, visto que a seleção de obras ofertava um esquema da construção literária do período.

Portanto, Mourão ordenou uma coletânea com os autores mais importantes dos principais períodos que ficaram marcados na história da África, da literatura oral e literatura de combate, elaboradas no período da luta de independência.

Dessa forma, três épocas das construções literárias africanas entraram em destaque no período do lançamento da Coleção, isto é, escritos antes e depois da independência. À frente desse parcelamento organizacional, inicialmente, Mourão escolheu obras que proporcionaram uma visão sobre o colonialismo português ao professor brasileiro – público previsto da coleção, assim como o romance.

Ulteriormente, destacou os títulos que reportassem aos problemas sociais, como *Nós matamos o Cão-tinhoso* (1980), de Luiz Bernardo Honwana, que descreve a adversidade vivenciada pelos moçambicanos no período do colonialismo; e dois escritores de Cabo Verde, com as obras: *Os Flagelados do Vento Leste* (1979), de Manuel Lopes; *Hora di bai* (1980), de Manuel Ferreira, que aborda questões associadas aos problemas de clima no arquipélago.

Em outra publicação da coleção, temos a reconhecida “literatura de combate”, simbolizada, sobretudo, por *Mayombe* (1982), de Pepetela. Quando este livro foi para a prensa no final da década de 70 não faltou, nos mais altos cargos do setor político do país, quem sugeriu cadeia para o escritor. Prevaleceram, felizmente, os seus defensores, de maneira que no lugar da prisão Pepetela foi agraciado em 1980, com o Prêmio Nacional de Literatura:

[...] A trajetória desse livro é um tanto tempestuosa. Escrito entre 1971 e 1972, quando o autor combatia na floresta de Cabinda, Mayombe retrata desmitificadamente o mundo da guerrilha, mostrando à plena luz os conflitos humanos em suas fileiras, o maniqueísmo religioso da militância política, o racismo, o tribalismo, a concentração de poder nas mãos de uns poucos dirigentes, a burocratização do aparelho partidário, a corrupção de muitos de seus integrantes. (PONTE, 1983, p. 12).

Já na quarta etapa, foram exploradas as dificuldades linguísticas provocadas pelo impacto cultural resultante da colonização, essas peculiaridades são frequentes em *Kinaxixe e outras prosas* (1981), de Arnaldo Santos; “*Mestre*” Tamoda (1984), de Uanhenga Xitu; e *Luuanda* (1982), de Luandino Vieira.

Esta linha de atividade trata o cenário centralizado no período de descolonização com os trabalhos de *Belo imundo* (1981), do autor zaireense Valentin Yves Mudimbe, que aborda a corrupção dos que alcançaram o poder depois da descolonização; *Gente da cidade* (1983), do nigeriano Cyprian Ekwensi, que destaca a conexão do processo de urbanização depois da independência com a população.

A organização da coleção ressaltou ainda três romances, *De uma costela torta* (1982) do somaliano Nuruddin Farah, que mostra a condição da mulher da comunidade muçulmana;

Sundjata ou a epopéia mandinga (1982), de Djibril Tamsir Niane, do Mali, que debate sobre uma arcaica narrativa africana em torno do século XII; e *Portagem* (1981), do moçambicano Orlando Mendes, que expressa a situação de um negro num território rodeado pela predominância colonial.

Com esses escritores selecionados com toda essa diversificação, confirma-se um dos objetivos da coletânea literária: desenhar um esquema das literaturas africanas com visão para publicação no Brasil. Em vista disso, a formação dos objetos que constitui todos os dados extratextuais, assim como: bibliografia, biografia, glossário, capas, notas de rodapé, prefácios, orelhas de página e introduções, planejados pelo gestor da coleção e seu grupo. A concepção era de que esses elementos ajudassem na inclusão do leitor e na construção de uma comunidade crítica em relação à forma de estudo.

Fora isto, a Ática era assídua no mercado editorial brasileiro com esta especificação, isto é, assim como os livros didáticos quanto os paradidáticos, e também as séries literárias, era manufaturado dentro de um modelo escolar, a atividade do aluno e do professor, ficando, dessa forma na permanência dos materiais.

Sendo assim, com o slogan *A voz de um povo*, a CAA foi criada em 1979 e continuou ativo até no ano de 1991. No decorrer dos doze anos de constância da coleção, aconteceram algumas interrupções por motivo de problemas dentro da empresa. No mais foram publicados 27 trabalhos, sendo uma grande parte contos e romances; e um de poesia, *Sagrada Esperança* de Agostinho Neto.

Para isso enumeraremos as obras contida na coleção e seus respectivos escritores:

Autores	Ano	Obras
José Luandino Vieira	(1979)	<i>A vida verdadeira de Domingos Xavier</i>
Manuel Lopes	(1979)	<i>Os flagelados do vento leste</i>
Pepetela	(1980)	<i>As aventuras de Ngunga</i>
Luís B. Honwana	(1980)	<i>Nós matamos o Cão-Tinhoso</i>
Jofre Rocha	(1980)	<i>Estórias do musseque</i>
Manuel Ferreira	(1980)	<i>Hora di bai</i>
Valentin Y. Mudimbe	(1981)	<i>O belo imundo</i>
Arnaldo Santos	(1981)	<i>Kinaxixe e outras prosas</i>
Orlando Mendes	(1981)	<i>Portagem</i>
Luandino Vieira	(1982)	<i>Luuanda</i>
Nuruddin Farah	(1982)	<i>De uma costela torta</i>
Bernard B. Dadié	(1982)	<i>Climbiê</i>
Cheikh H. Kane	(1982)	<i>Aventura ambígua</i>
Pepetela	(1982)	<i>Maybe</i>
Djibril T. Niane	(1982)	<i>Sundjata ou a epopeia Mandinga</i>
Boaventura Cardoso	(1982)	<i>Dizanga dia muenhu</i>
Chinua Achebe	(1983)	<i>O mundo se despedaça</i>

Chems Nadir	(1983)	<i>O astrolábio do mar</i>
Cyprian Ekwensi	(1983)	<i>Gente da Cidade</i>
Sembène Ousmane	(1984)	<i>A ordem de pagamento e Branca gênese</i>
Teixeira de Sousa	(1984)	<i>Ilhéu de contenda</i>
Uanhenga Xitu	(1984)	<i>Mestre” Tamoda e Kahitu</i>
Pepetela	(1984)	<i>Yaka</i>
Agostinho Neto	(1985)	<i>Sagrada esperança</i>
Baltasar Lopes	(1986)	<i>Chiquinho</i>
Lino Magaia	(1990)	<i>Dumba nengue: histórias trágicas de banditismo</i>
Luandino Vieira	(1991)	<i>Nós, os do Makulusu</i>

Apresentação das obras de escritores angolanos da CAA da Ática

Como dissemos anteriormente, Mourão organizou um conjunto de obras pertencentes a cinco linhas temáticas, com isso, podemos notar cinco linhas temáticas inteiramente interrelacionáveis. Na primeira, selecionou livros que tratassem do aspecto colonial; na segunda, trouxe títulos que remetessem aos problemas sociais; na terceira, livros que se vincularam com a “literatura de combate”. Já na quarta, priorizou autores que lidassem com os problemas linguísticos decorrentes da colonização. E, por fim, na quinta e última, destacou as obras que ofereciam um panorama acerca do período da descolonização (CRUZ, 2018, p.24). Sendo assim, deu-se a abertura da coleção com um romance que trata sobre questões das lutas de resistências, mostrando o poder do colonizado perante o colonizador *A vida verdadeira de Domingos Xavier* (1979) do autor angolano José Luandino Vieira.

Em seguida, temos a obra *As aventuras de Ngunga* (1980) do autor angolano Pepetela que entra com sua obra como literatura de combate, já que foi escrito durante o processo de independência, e mesmo em meio aos conflitos armados sua obra permaneceu inatingível, pelo fato de fazer parte do sistema que predomina em Angola e ao mesmo tempo criticar o mesmo na sua obra, trazendo questões sociais e política que o autor passa enfrentando ao apresentar seu personagem.

Estórias do musseque (1980), obra de Jofre Rocha que narra acerca de problemas sociais.

Kinaxixe e outras prosas (1981) de Arnaldo Santos que traz um olhar diferente a problematização das relações humanas de classes sociais diferentes.

Luuanda (1963) de Luandino Vieira que em si carrega três narrativas curtas que compartilham o mesmo cenário dos “Musseques”, mais uma vez os problemas sociais predominando na CAA se tornando destaque apresentando os problemas sociais que Angola enfrentou durante a colonização.

Mayombe (1982) de Pepetela compondo, assim, as obras que tratam sobre a guerra de independência de Angola e está inserida no processo de descolonização de África.

Dizanga dia Muenhu (1982) de Boaventura Cardoso compoendo contos como “O fogo da fala” e “A morte do velho Kipacaça”, contextualizam narrativas antecedentes à independência de Angola, delineando anos de colonização luso-europeia.

“*Mestre*” *Tamoda e Kahitu* (1984), de Uanhenga Xitu, aborda sobre a denúncia ao processo de colonização e assimilação do angolano, tendo a alienação dos seus valores e costumes. Na obra, o autor escreve a partir de sua própria experiência através da criação de um personagem ficcional como vítima da opressão ocasionada pelo sistema colonial empregado na época e, nessa ordem de ideia, discorre também sobre o diálogo entre a sanzala e a cidade.

Yaka (1984) de Pepetela se difere em parte das demais obras compostas na CAA (Coleção dos Autores Africanos), por ser o primeiro romance histórico e que dá visibilidade ao povo do sul de Angola metaforizando como um corpo em seu todo dividindo o livro em 5 partes assim: A Boca (1890/1904), Os Olhos (1917), O Coração (1940/41), O Sexo (1961) e As Pernas (1975).

Sagrada Esperança (1985) de Agostinho Neto é um livro de poema pelo menos um dos escritos mais antigos comparando com as demais obras de autores africanos de língua Portuguesa apresentado pela CAA. Com o poema mais antigo escrito por volta dos anos 40

(MADEIROS, 2015) A obra traz consigo reflexões e frisa a respeito da situação que a África passava nos anos 1940, 1950 e 1960 desde os impactos do colonialismo as perspectivas de uma nova Angola livre e independente.

Nós, os do Makulusu (1991), de Luandino Vieira, é um romance escrito durante a luta de independência, figurando os impasses étnico-culturais e socioeconômicos gerados pelo conflito bélico ocorrido em Angola. (BERGAMO e SILVA, 2019)

Com isso, conseguimos ter uma breve noção de como a seleção dos autores angolanos na CAA foi feita. Mourão organizou a coleção com autores expressivos das principais épocas que marcaram a história da África, desde a literatura oral, fundamentada no registro de mitos e lendas, até a “literatura de combate”, desenvolvida a partir da luta de independência. No entanto, a ênfase foi direcionada às literaturas modernas africanas, as quais contribuíram para o novo campo de elaboração de sua cultura literária de suas culturas (CRUZ, 2018).

Considerações finais

Esse trabalho teve como objetivo central analisar o mercado editorial brasileiro do ponto de vista da inserção da literatura Africana de origem Angolana, através da Coleção de Autores Africanos da editora Ática. Diante disso, percebemos os caminhos trilhados pelos autores angolanos para conquistar um espaço de reconhecimento de suas produções literárias.

Dessa forma, vimos que o projeto da editora Ática, foi uma importante porta de entrada para que alguns autores africanos pudessem ter suas obras publicadas e reconhecidas, em específico, os autores angolanos. Além disso, a relação entre Brasil e África, nesse aspecto, se mostrou benéfica e positiva, apesar de que na prática ainda se precisa de inúmeras contribuições para que esse laço que vem sendo construído, desde histórias em comum que os dois povos partilham, não se enfraqueça.

Notavelmente, a Coleção dos Autores Africanos da Ática não é assunto que se aborda com tanta frequência, mesmo sendo um dos maiores projetos literários que albergou diversos autores africanos e suas obras, que carregavam suas identidades culturais e lutas que enfrentavam antes e depois da colonização. As obras elaboradas pelos escritores, deveriam ter

ainda mais reconhecimento e visibilidade por conseguir trabalhar o contexto histórico africano e brasileiro, já que foi um projeto que superou vários obstáculos, desde o período da considerada abertura política brasileira e também, o mercado editorial e as independências africanas.

Direcionamos este trabalho ao contexto dos autores angolanos, no entanto, portas estão abertas para o estudo da inserção dos autores das outras nacionalidades presentes no projeto editorial brasileiro, realçando, dessa forma, a diversidade cultural da escrita literária, mas o propósito comum existente de cada país envolvido, sendo este, a resistência e independência.

Referências bibliográficas

AMARILHA, M. **Educação e Leitura: Trajetórias de Sentidos**. João Pessoa: 2002.

BERGAMO, E. A; SILVA, R. M. Nós, os do Makulusu, romance de guerra combate, violência e libertação na narrativa de Luandino Vieira. **Transverso: Revista de História**. Rio de Janeiro, 2019.

BORGES, N. A doutrina de segurança nacional e os governos militares. In: FERREIRA, J; DELGADO, L. A. N. (orgs.). **O Brasil republicano: o tempo da ditadura e movimentos sociais em fins do século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (O Brasil Republicano v. 4).

BOURDIEU, P. O ponto de vista do autor: algumas propriedades gerais dos campos de produção cultural. In: BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 243-316.

BUSATTO, C. **Contar e encantar** – pequenos segredos da narrativa. Petrópolis: Vozes, 2003.

CARDOSO, B. **Dizanga dia Muenhu**. São Paulo: Ática, 1982.

COUTINHO, F. M. A. Pierre Bourdieu e a Gênese do campo literário. **Revista de Letras**, vol. 1/2, jan/dez: Curitiba, 2003.

CUNHA, A. Influência da literatura brasileira na literatura angolana. 2011. **Revista Angolana de Sociologia [online]**. Disponível em: <https://journals.openedition.org/ras/1227>
Acesso em: 19 de mar. 2021.

CRUZ, C. R. **A Coleção de Autores Africanos da Editora Ática: as literaturas africanas no Brasil**. Tese de Doutorado. Repositório Institucional UNESP. 2018

DANIEL, C. J. Revista Sul: as ilustrações e o modernismo plástico em Santa Catarina. **Revista Santa Catarina de História**, V.6, n.2, 2012.

FEIJOÓ, J. A. S. Lopito (Org.). **No caminho doloroso das coisas: antologia**. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1988. LIMA, M. H. S. **A casa dos Estudantes do Império (CEI) e a**

Poesia nas Lutas Anticoloniais (1944-1965). Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRP). Recife, 2019.

MATA, I. **A Casa dos Estudantes do Império e o Lugar da Literatura na Consciencialização Política.** Lisboa: UCCLA, 2015.

MEDEIROS, T. T. **Conscientização e luta em *Sagrada esperança*.** Rio Grande do Sul. Ao pé da Letra, 2015.

MOURÃO, F. **A sociedade angolana através da literatura.** São Paulo: Ática, 1978.

_____. **A autonomia das literaturas africanas e a sua divulgação no Brasil: o caso de Angola - Discurso proferido na VI Conferência de Escritores Afro-Asiáticos.** Luanda, Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo. 1979

MEDEIROS, N. ***O objecto dúctil*: a emergência de uma sociologia histórica da edição.** **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 22, n. 2, p. 241–261, 2010.

MEDEIROS, A. M. Filosofia Existencialista e Literatura Engajada: Entre Sartre e Simone de Beauvoir. Clareira – **Revista de Filosofia da Região Amazônica**. V 2. n 2. 2015

MIGUEL, S. **Cartas d'África e alguma poesia.** Rio de Janeiro: Toopbooks, 2005.

NETO, A. **Sagrada esperança.** São Paulo: Editora Ática, 1985.

PEPETELA. **Mayombe.** São Paulo: Ática, 1982.

PEPETELA. **Yaka.** São Paulo: Ática, 1984. (Coleção Autores Africanos, v. 23)

PONTE, M. **Um mapa da África literária.** Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 25 mai. 1983. Caderno B, p. 12.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico.** Novo Hamburgo - Rio Grande do Sul – Brasil, 2013.

ROCHA, J. **Estórias do Musseque.** Luanda: 2ª ed. União dos Escritores Angolanos, 1979.

SANTOS, A. **Kinaxixe e Outras Prosas.** São Paulo: Ática, 1981.

SCHFFRIN, A. **O negócio dos livros: como as grandes corporações decidem o que você lê.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

SILVA, L. N. O mercado editorial e a nova direita brasileira. **Revista Teoria e Cultura.** Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFJF. v. 13 n. 2 dezembro, 2018.

SOUSA, J. M. E **Trajetórias das literaturas africanas no brasil: pensando a questão editorial.** Inventário da UFBA, Bahia, v. 1, p. 1/12, 17 mar. 2011. Disponível em:
<<http://www.inventario.ufba.br/08/Trajetorias%20das%20Literaturas%20corrigido.pdf>>Acesso em: 10 out. 2020.

SANTOS, J. F. **Movimento Afro-Brasileiro Pró-Libertação de Angola (MABLA) - Um Amplo Movimento** – Relação Brasil e Angola de 1960 a 1975. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

SANTOS, L. P. **Relações de trabalho em Terras do sem fim Gaibéus, e Terra Morta: Universos que se tocam.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2008.

TAVARES, A. P. Cinquenta Anos de Literatura Angolana, **Via Atlântica**, nº 3, p. 124-130. 1999

THOMPSON, J. B. **Books in the digital age: the transformation of academic and higher education publishing in Britain and the United States.** Cambridge: Polity, Press, 2005.

VIEIRA, J. L. **Luuanda.** Lisboa: Editorial Caminho, 2004.

VIEIRA, J. L. **Nós, os do Makulusu.** São Paulo: Ática, 1991.

XITU, U. **“Mestre” Tamoda & Kahitu: contos.** São Paulo: Ática, 1984.